



A Justiça Divina Segundo o Espiritismo

**Livretos Doutrinários
Vol.03**



**Autor Intelectual
Leonel Sivieri Varanda**

**Departamento de Difusão
Doutrinária**

INSTITUTO ESPÍRITA DA CARIDADE LUZ DE LÍVIA

Departamento de Comunicação

1^a edição – Março/2018 – 5.000 exemplares

Voluntário Colaborador:

LENICE SIVIERI VARANDA

Todos os direitos de reprodução, cópia, comunicação ao público e exploração econômica desta obra estão reservados única e exclusivamente para o Instituto Espírita da Caridade Luz de Lívia. Proibida a reprodução total ou parcial da mesma, através de qualquer forma, meio ou processo eletrônico, digital, fotocópia, microfilme, internet, CD-ROM, sem a prévia e expressa autorização da editora nos termos da Lei 9.610/98 que regulamenta os direitos de autor e conexos.



INSTITUTO ESPÍRITA DA CARIDADE LUZ DE LÍVIA

ALAMEDA EUROPA, 1087
BAIRRO MANSÕES AEROPORTO
UBERLÂNDIA - MG

AME

SUMÁRIO

A JUSTIÇA DIVINA SEGUNDO O ESPIRITISMO

PREFÁCIO	5
APRESENTAÇÃO	8
CAPÍTULO I	12
A VIDA FUTURA	13
CAPÍTULO II	21
A JUSTIÇA DIVINA SEGUNDO O ESPIRITISMO	22
CAPÍTULO III	38
QUADROS DA VIDA ESPÍRITA	39
CAPÍTULO IV	59
CÓDIGO PENAL DA VIDA FUTURA	60
CAPÍTULO V	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	98

PREFÁCIO



Chico Xavier e Jarbas Varanda
Fonte: Acervo da família Jarbas Varanda

Os Livretos Doutrinários que aqui se descortinam são uma expressão nítida e real dos passos incansáveis ao Jesus, nosso bem maior.

Desnecessário falar deste irmão em Cristo, que traz na humildade e serenidade do coração as mais belas conjunturas espirituais abraçadas pelo Espiritismo Consolador.

Tivera o prazer do convívio familiar com este nobre espírito, não me deixando dúvidas de sua inquietude no desvendar da Doutrina Espírita. Desvendar sim!

A cada Livreto um convite ao conhecimento da Luz que se brilha no firmamento.

Leonel Varanda, inspirado pelo alto, carrega no intelecto as vibrações de nosso Mentor Espiritual Eurípedes Barsanulfo, baluarte da Terceira Revelação no Triângulo Mineiro.

Justo dizer que pouco contribuí para este luminoso trabalho que se inicia com a objetividade e clareza de um coração puro e emergente para o Plano Maior.

Sua dedicação ao Espiritismo que tão bem o vi praticar, explode hoje em mananciais de Luz norteando o conhecimento da Doutrina.

No resgate do Cristianismo redivivo, os Livretos Doutrinários chegam com esta missão: que possamos compreender a Luz do Evangelho de Cristo, segundo o Espiritismo, o verdadeiro sentido de nossa vida encarnatória e plural.

Não estamos mais na condição de fazedores do destino, mas no cumprimento dos desígnos de Deus.

Minha pequena contribuição para o esclarecimento da Doutrina dos Espíritos se faz aqui, lembrando sempre da exemplificação de nosso irmão Chico Xavier tão bem ilustrada nestas páginas de sabedoria cristã.

Me despeço num largo sorriso, na certeza de que tudo caminha para a execução dos Planos Divinos e retomada da humildade e perseverança do bem crescer em consonância com a máxima de Jesus na prática da caridade e amor ao próximo.

Abençoada seja esta nova empreita de nosso Instituto da Caridade Luz de Lívia, que, particularmente, me sinto envolto para as lides da nossa Doutrina Espírita.

Jarbas Leone Varanda

Uberlândia, 24/07/2017.

Psicografia recebida no Instituto Espírita da Caridade Luz de Lívia pela médium Lenice Sivieri Varanda

APRESENTAÇÃO

O Instituto Espírita da Caridade Luz de Lívia nos apresenta a oportunidade do esclarecimento, através da publicação de importantes chamadas da espiritualidade, na forma de livretos básicos doutrinários, cujo conteúdo deverá refletir o pensamento contido nas obras da Codificação, para o serviço de difusão da ideia espírita.

Nada de novo que pudesse chamar a atenção para outros aspectos da Doutrina Espírita, mas, simplesmente, numa ordem diferente, baseado no pressuposto de que a ideia espírita é um manancial riquíssimo de valores e ensinamentos.

Uma forma simples e prática para o entendimento de uma Doutrina que pertence aos Espíritos, e cuja direção superior nos conclama para a fidelidade aos postulados Espíritas, pois que representam, na atualidade, a maior fonte de informações para a compreensão de nossa posição de Espíritos eternos, conscientes e responsáveis perante a vida.

Nesses livretos, encontraremos a Doutrina Espírita, livre e dinâmica, que espelha o propósito de

concretizar a tarefa de consolador prometido, direcionando os esforços dos Espíritas para a finalidade básica do Espiritismo, que se encontra na revivescência do Evangelho de Nosso Senhor Jesus.

E, nesse sentido, vamos verificar a luminosa coerência entre o edifício da Codificação, base que se sustenta na lógica e na simplicidade de Kardec, com a obra extraordinária do médium Francisco Cândido Xavier que nos remete à vivência Cristã, em sua pureza original.

Chico Xavier, ao dar sentido à obra de Kardec, em sua aplicação prática, vivendo e sofrendo os princípios espíritas em toda a sua plenitude, desde a compreensão e aceitação absoluta dos desígnios de Deus, até às esperanças e consolações, quando materializou a coletânea de mensagens de entes queridos, que subiram aos céus em forma de reconhecimento e amor, deixa, a toda humanidade, a expressão máxima do Espiritismo, a sua finalidade principal, na feição do Consolador Prometido.

Portanto, a tarefa reservada ao Instituto Luz de Lívia, com a publicação dos livretos doutrinários, é dar visibilidade simples e prática à Doutrina Espírita, apoiada, principalmente, na lógica de Kardec e na luz

de Chico Xavier. Um ajuste perfeito, unindo teoria e prática, que busca a substância do Espiritismo, e que se acha personificada na mensagem permanente do Evangelho, expressão fiel da mensagem do Salvador, o Cristo de Deus.

Uberlândia, Primavera de 2017.



CAPÍTULO I

A VIDA FUTURA

CAPÍTULO I

A VIDA FUTURA



Kardec codificador do Espiritismo

<http://blog.estantevirtual.com.br/2016/01/06/cinco-livros-para-conhecer-allan-kardec/>

Um dos maiores enigmas da Humanidade, a vida do homem após a morte do corpo físico, começa a ser decifrado a partir do momento em que o homem passa a dialogar com os chamados mortos. Não apenas dialogar, mas pesquisar e conhecer detalhes da sua situação, de modo a desvendar a vida no mundo espiritual. Com o tempo, os diálogos começam a ganhar contornos de realidade prática quando os personagens se apresentam na feição de entes queridos ou de pessoas conhecidas, domiciliados na vida futura.

Quais os fatores que condicionam a felicidade ou a infelicidade daqueles que estão vivendo no mais além? Um ponto de interrogação que somente poderia ser resolvido quando os habitantes dessa região falassem a respeito de sua situação. Construir uma situação hipotética não resolveria a inquietação humana, pois os homens aguardavam os esclarecimentos sobre assuntos catalogados como metafísicos. Que falassem, então, os mortos a respeito de sua situação.

Esta tarefa foi reservada ao emérito Professor Francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, que adotou o pseudônimo de Allan Kardec no trabalho de codificação da Doutrina Espírita. Agindo com prudência e seriedade, o Pedagogo Francês levantou o véu que encobria a realidade do mundo espiritual, desvendando o problema chave no processo do conhecimento humano, sempre relegado ao domínio do sobrenatural, do fantástico. Mas, como agiu o Professor para dar credibilidade ao estudo dessa nova Ciência?

Apliquei a essa nova ciência, como até então o tinha feito, o método da experimentação; nunca formulei

teorias preconcebidas; observava atentamente, comparava, deduzia as consequências; dos efeitos procurava remontar às causas pela dedução, pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo como válida uma explicação, senão quando ela podia resolver todas as dificuldades da questão (Henri Sausse, Biografia de Allan Kardec).

Na clareza do teu pensamento, sabia que a mentalidade cultural da era moderna não aceitaria os fatos se eles estivessem encobertos por teorias metafísicas e preconcebidas.

Era preciso deixar falar as Almas para pesquisar e descobrir, com sabedoria e isenção, a realidade em que viviam.

Não estava em cena a criação de um novo artigo de fé, um novo dogma religioso, mas um princípio filosófico racional, ou seja, princípio de uma doutrina racionalmente estruturada.

A Doutrina Espírita, no que respeita às penas futuras, não se baseia numa teoria preconcebida; não é um sistema substituindo outro sistema: em tudo ela se

apoia nas observações, e são estas que lhe dão plena autoridade. Ninguém jamais imaginou que as almas, depois da morte, se encontrariam em tais ou quais condições; são elas, essas mesmas almas, partidas da Terra, que nos vêm hoje iniciar nos mistérios da vida futura, descrever-nos sua situação feliz ou desgraçada, as impressões, a transformação pela morte do corpo, completando, em uma palavra, os ensinamentos do Cristo sobre este ponto. É nestas circunstâncias que o Espiritismo vem opor um dique à difusão da incredulidade, não somente pelo raciocínio, não somente pela perspectiva dos perigos que ela acarreta, mas pelos fatos materiais, tornando visíveis e tangíveis a alma e a vida futura (Allan Kardec, O Céu e o Inferno).

Portanto, a racionalidade fundamental é levada por Kardec ao domínio do Espírito, ao campo da religião, de modo definitivo, abolindo-se a categoria do sobrenatural, do mistério. Tudo se rationaliza para se solidificar. Fé e razão conjugadas põem em evidência o Espírito como fundamento de toda a realidade, tornando o nada um falso problema filosófico. Nessa conjugação,

propõe-se que todas as áreas do conhecimento humano, inclusive a ciência e a religião, podem identificar o Espírito.

Sendo admitida a existência da Alma, sua sobrevivência após a morte e a conservação de sua individualidade, o Espiritismo demonstra, pela experiência, a possibilidade das comunicações entre os Espíritos e os homens. Uma vez estabelecido o fato, e esclarecidas as relações entre os mundos visível e invisível, bem como conhecidos a natureza, o princípio e o modo dessas relações, abriu-se um novo campo à observação e encontrou-se a chave de grande número de problemas. Fazendo cessar a dúvida sobre o futuro, o Espiritismo passa a ser poderoso elemento de moralização.

O que faz nascer na mente de muitas pessoas a dúvida sobre a possibilidade das comunicações de Além-Túmulo é a ideia falsa que fazem do estado da alma depois da morte.

Figuram ser ela um sopro, uma fumaça, uma coisa vaga, apenas apreensível ao pensamento, que se

evapora. Se, ao contrário, a considerarmos ainda unida a um corpo fluídico, de características físicas e espirituais, formando com ele um ser concreto e individual, as suas relações com os viventes nada têm de incompatível com a razão.

Entretanto, nestes últimos tempos, as manifestações dos Espíritos tomaram grande desenvolvimento e adquiriram maior caráter de autenticidade, porque estava nas vistas da Providência pôr termo à praga da incredulidade e do materialismo, mediante provas evidentes, permitindo, aos que deixaram a Terra, vir atestar sua existência e revelar-nos sua situação feliz ou infeliz (Allan Kardec, O que é o Espiritismo).

Se passarmos em revista as nossas reminiscências, veremos quantos fatos autênticos, dessa ordem, sem que os percebêssemos, se deram conosco, não só de noite, durante o sono, senão também de dia e em completo estado de vigília. outrora consideravam tais fatos como sobrenaturais e maravilhosos e os atribuíam à magia e à feitiçaria; hoje, os incrédulos os classificam como um produto da imaginação; desde que, porém, a ciência espírita nos forneceu

meios de explicá-los, ficou-se sabendo como eles se produzem e que pertencem à classe dos fenômenos naturais.

Pode-se ver que as manifestações espíritas, de qualquer natureza, nada têm de maravilhoso e sobrenatural; são fenômenos que se produzem em virtude da lei que rege as relações do mundo visível com o invisível, lei tão natural quanto as da eletricidade ou da gravitação. O Espiritismo é a ciência que nos faz conhecer essa lei.

Entretanto, no trato com as questões espirituais é necessário recordar o que João, o Evangelista, diz: “Não creia em todos os Espíritos, mas examinai se eles são de Deus.” A experiência demonstra a sabedoria desse conselho. Há imprudência e leviandade em aceitar sem exame tudo o que vem dos Espíritos. É de necessidade que bem conheçamos o caráter daqueles que estão em relação conosco. Pois, se a realidade da vida futura é um fato incontestável, conforme nos demonstra o laboratório mediúnico, não é menos verdade que a vida espiritual abriga espíritos das mais diversas condições, morais e culturais.

Os Espíritos da vida futura não podem penetrar assuntos que a Humanidade estaria inabilitada para compreender; entretanto, eles trazem a notícia mais importante de todas, a verdade de que a vida prossegue, além do sepulcro, e de que todos nós, os vivos da imortalidade, seja onde for, receberemos sempre de acordo com as nossas obras.

Afirma Emmanuel, no livro Religião dos Espíritos, que desde as primeiras horas de nossa formação doutrinária, os mensageiros do Cristo explicaram que o Espiritismo contribuirá no aperfeiçoamento da Terra, anulando o materialismo, por ensinar aos homens a dignificação do futuro, mantendo-os livres de seitas e cores, castas e privilégios. Temos, assim, a tarefa inadiável de conduzir para a frente a bandeira da imortalidade, mantendo a nossa fé assegurada pelos princípios redentores da doutrina cristã, em todos os momentos de nossa vida.

CAPITULO II

A JUSTIÇA DIVINA SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPITULO II

A JUSTIÇA DIVINA SEGUNDO O ESPIRITISMO



Chico Xavier e a realidade da vida futura com a psicografia mediúnica.

Evidentemente que a justiça divina esta presente em todas as dimensões existenciais, seja na vida física, seja na realidade espiritual. Neste livreto, entretanto, é nosso propósito tratar das manifestações da justiça divina na vida futura, como encontramos no livro *O Céu e o Inferno*.

Segundo a Doutrina dos Espíritos, a realidade da vida após a morte desdobra-se em sintonia com as leis naturais, sendo que o Espírito continuará sua marcha evolutiva do ponto onde terminou a existência física. Não existem saltos no caminho evolutivo, tendo em vista que o Espírito precisa assimilar as experiências de forma definitiva, mesmo se para isso sejam necessárias várias existências.

O Espírito não encontrará privilégios sem aprovação da consciência, e, pelos mesmos princípios, não sofrerá se não houver plantado o mal. Tudo se equilibra na lei de causa e efeito, segundo a advertência de Nosso Senhor Jesus de que a cada um será dado segundo as suas obras.

De acordo com os postulados do Espiritismo, e isso baseado nos estudos de Allan Kardec e nas revelações encontradas na bibliografia do médium Chico Xavier, existem duas alternativas para o Espírito, punição temporária e proporcional à culpa ou recompensa graduada segundo o mérito. Repele o Espiritismo a eterna condenação.

Verificamos, então, que ao Espírito culpado estará reservada uma punição, porém temporária e limitada à renovação do Espírito. A partir do momento em que o Espírito resgatou seu débito, através de provações compatíveis com a natureza de suas faltas, e com aprovação implícita da consciência, ele se liberta do sofrimento, podendo, então, ampliar os limites de sua evolução, através de novas experiências. Deve ficar evidente que Deus, na condição de Pai zeloso pelo futuro dos filhos, exige a matrícula de seu filho na escola da regeneração, mas não nega ao aluno oportunidades novas de aprendizado, ao mesmo tempo em que resgata o passado.

Além disso, a misericórdia divina pode dispensar na lei, benefícios ao homem quando a sua existência já demonstre certas expressões do amor. Mas, de forma geral, a lei que rege a duração das penas está subordinada à melhoria do Espírito culpado, conforme resposta à questão 1006 de O Livro dos Espíritos. Por outro lado, o desespero não serve como pagamento nos tribunais divinos, pois não é razoável que o

devedor solucione com gritos, os compromissos que contraiu mobilizando a própria vontade.

Arrependimento, expiação e reparação expressam as condições necessárias para apagar os traços de uma falta e suas consequências.

Para ilustrar, encontramos na mensagem intitulada Ensinamento Vivo, presente no livro Vozes do Grande Além, psicografado por Chico Xavier, a experiência do Espírito que se identificou como Conceição. Sou a vossa irmã Conceição, diz o Espírito, que volta a fim de comentar o impositivo da consciência tranquila diante da lei. Durante mais de 50 anos sucessivos, **para felicidade minha**, experimentei fome, frio, enfermidade e desprezo de meus semelhantes. O amor reina soberano, porém a Justiça se cumprirá, rigorosa, na senda de cada um.

Da mesma forma, ao Espírito estará reservada uma recompensa futura, mas graduada segundo o mérito. Inclusive, ao mérito estará condicionado o benefício do esquecimento temporário, durante a existência terrena, para justificar seu aprendizado

sem a influência direta de informações anteriores. Esquecer o passado para construir o futuro em bases mais sólidas, em bases de amor. O que o Espírito traz ao nascer é a intuição dos conhecimentos adquiridos, sendo que a intuição funciona como um sinal de alerta para as novas experiências, principalmente para que não haja reincidência nos mesmos erros.

Tende essa intuição no pensamento, no desejo criminoso que frequentemente vos assalta e a que instintivamente resistis, atribuindo, as mais das vezes, essa resistência aos princípios que recebestes de vossos pais, quando é a voz da consciência que vos fala. Essa voz, que é a lembrança do passado, vos adverte para não recairdes nas faltas de que já vos fizestes culpados. Na nova existência, se sofre com coragem aquelas provas e resiste, o Espírito se eleva e ascende na hierarquia dos Espíritos (Allan Kardec, Pergunta 393 de O Livro dos Espíritos).

O exercício no bem, a renúncia santificante, o perdão incondicional, o sacrifício em favor do próximo, a bondade constante, a prece

renovadora, o trabalho responsável são ingredientes da evolução gerando felicidade e proteção, não só na vida futura, mas, também, na vida presente.

Portanto, as penas e os deleites são inerentes ao grau de perfeição dos Espíritos, sendo que cada um tira de si mesmo o princípio de sua felicidade ou infelicidade. A alma traz consigo o próprio castigo ou prêmio, onde quer que se encontre, sem necessidade de lugar circunscrito, pois das qualidades do indivíduo depende a sua felicidade, e não do estado material do meio em que se encontra. Por isso mesmo, ninguém está no âmago do céu ou do inferno, mas na intimidade de si mesmo, com as figurações que estabeleceu no mundo vivo da própria consciência.

Expressando-nos pela teologia Católica, poderíamos dizer com Emmanuel, cujo texto encontra-se no livro Justiça Divina, de que o céu, em essência, é um estado de alma que varia conforme a visão interior de cada um.

No livro “O Céu e o Inferno”, escrito por Allan Kardec e sob ditado e inspiração dos Espíritos superiores, encontramos as advertências de um boêmio, através de uma mensagem psicografada em Bordéus, no dia 19 de abril de 1862, e que traz uma lição importante sobre o aproveitamento real da vida física, para evitar um quadro de provações e privações no mundo espiritual.

Estou livre, enfim, mas ainda não expiei, é preciso que repare o tempo perdido se eu não quiser prolongar os sofrimentos. Espero que Deus, tendo em conta a sinceridade do arrependimento, me concede a graça do seu perdão. Pedi ainda por mim, eu vos suplico. Homens, meus irmãos, eu vivi só para mim e agora expio e sofro! Conceda-vos Deus a graça de evitardes os espinhos que ora me laceram. Prosseguí na senda larga do Senhor e orai por mim, pois abusei dos favores que Deus faculta às suas criaturas.

O homem deve utilizar-se sobriamente dos bens de que é depositário, habituando-se a visar a eternidade que o espera, abrindo mão, por consequência, dos deleites materiais. A sua

alimentação deve ter por exclusivo fim a vitalidade; o luxo deve apenas restringir-se às necessidades da sua posição; os gostos, os pendores, mesmo os mais naturais, devem obedecer ao mais são raciocínio; sem o que, ele se materializa em vez de se purificar.



Chico no exercício da caridade, desde o início de sua atividade mediúnica
<http://www.mensagemespirita.com.br/chico-xavier/manuel/caridade-o-sistema-contabil-do-universo>

As paixões humanas são estreitos grilhões que se enroscam na carne e, sim, não devemos lhes dar abrigo. Vós não sabeis o seu preço, quando regressamos à pátria espiritual! As paixões humanas vos despem antes mesmo de vos

deixarem, de modo a chegares despidos, completamente despidos, ante o Senhor.

Ah! cobri-vos de boas obras que vos ajudem a franquear o Espaço entre vós e a eternidade. Manto brilhante, elas escondem as vossas torpezas humanas. **Envolvei-vos na caridade e no amor, vestes divinas que duram eternamente.**

Apesar de vivermos no clima da Lei, podemos sempre aguardar a mão de Deus face à nossa inferioridade, e poderíamos afirmar, sem sombra de dúvida, que à revelia de todas as leis, quaisquer que seja a inferioridade ou perversidade dos Espíritos, Deus jamais os abandona.

No mesmo livro, “O Céu e o Inferno”, ficamos sensibilizados com a história de MAX, o mendigo. Outro exemplo de quadros da vida espiritual com reflexos na vida física, ou a justiça divina em permanente atuação, vencendo hábitos e preconceitos à luz das experiências de vida.

Relata-nos Kardec que em 1850, numa vila da Baviera, morreu um velho quase centenário,

conhecido por pai Max. Por não possuir família, ninguém lhe determinava a origem. Havia cerca de meio século que se invalidara para ganhar a vida, sem outro recurso além da mendicidade, que ele dissimulava, procurando vender, pelas herdades e castelos, almanaques e outras miudezas. Deram-lhe a alcunha de conde Max, e as crianças o chamavam somente pelo título, circunstância esta que o fazia rir sem agastamento.

Por que esse título? Ninguém saberia dizê-lo. O hábito o sancionara. Talvez tivesse provindo da sua fisionomia, das suas maneiras, cuja distinção fazia contraste com a miserabilidade dos andrajos.

Muitos anos depois da morte, Max apareceu em sonho à filha do proprietário de um castelo em cuja estrebaria era outrora hospedado, porque não possuía domicílio próprio. Nessa aparição, disse ele que agradecia o terdes lembrado do pobre Max nas vossas preces, porque o Senhor as ouviu.

Alma caritativa, que vos interessastes pelo pobre mendigo, já que quereis saber quem sou, vou

satisfazer-vos, ministrando, ao mesmo tempo e a todos, um grande ensinamento.

Há cerca de século e meio era eu um dos ricos e poderosos senhores desta região, porém orgulhoso da minha nobreza. A fortuna imensa, além de só me servir aos prazeres, mal chegava para o jogo, para o debuche, para as orgias, que eram a minha única preocupação na vida.

Quanto aos vassalos, porque os julgasse animais de trabalho destinados a servir-me, eram espezinhados e oprimidos, para proverem as minhas dissipações. Surdo aos seus queixumes, como em regra também o era com todos os infelizes, julgava eu que eles ainda se deveriam ter por honrados em satisfazer-me os caprichos.

Morri cedo, exausto pelos excessos, mas sem ter, de fato, experimentado qualquer infelicidade real. Ao contrário, tudo parecia sorrir-me, a ponto de passar por um dos seres mais ditosos do mundo. Tive funerais suntuosos e os boêmios lamentavam a perda do ricaço, mas a verdade é que sobre o meu túmulo nenhuma lágrima se derramou,

nenhuma prece por mim se fez a Deus, de coração, enquanto minha memória era amaldiçoada por todos aqueles para cuja miséria contribuía.

Ah! E como é terrível a maldição dos que prejudicamos! Pois essa maldição não deixou de ressoar-me aos ouvidos durante longos anos que me pareceram uma eternidade. Depois, por morte de cada uma das vitimas, era um novo espectro ameaçador ou sarcástico que se erguia diante de mim, a perseguir-me sem tréguas, sem que eu pudesse encontrar um vão esconso onde me furtasse às suas vistas! Nem um olhar amigo!

Os antigos companheiros de devassidão, infelizes como eu, fugiram, parecendo dizer-me desdenhosos: Tu não podes mais custear os nossos prazeres. Oh! Então, quanto daria eu por um instante de repouso, por um copo de água para saciar a sede ardente que me devorava! Entretanto eu nada mais possuía, e todo o ouro a jorros derramado sobre a Terra não produzia uma só bênção, uma só que fosse.

Cansado por fim, opresso, qual viajor que não
lobriga o termo da jornada, exclamei: Meu Deus
tende compaixão de mim! Quando terminará esta
situação horrível? Então uma voz - primeira que
ouvi depois de haver deixado a Terra - disse:
Quando quiseres.

Que será preciso fazer, grande Deus? - repliquei.
Dizei-o, que a tudo me sujeitarei. - É preciso o
arrependimento, é preciso te humilhares perante
os mesmos a quem humilhastes; pedir-lhes que
intercedam por ti, porque a prece do ofendido que
perdoa é sempre agradável ao Senhor.

E eu me humilhei, e eu pedi aos meus vassalos e
servidores que ali estavam diante de mim, e cujos
semblantes, pouco a pouco mais benévolos,
acabaram por desaparecer. Isso foi para mim
como que uma nova vida; o desespero deu lugar à
esperança, enquanto eu agradecia a Deus com
todas as forças de minha alma. A voz
acrescentou: Príncipe, ao que respondi: Não há
aqui outro príncipe senão Deus, o Deus
Onipotente que humilha os soberbos. Perdoai-me

Senhor, porque pequei; e se tal for da vossa vontade, fazei-me servo dos meus servos.

Alguns anos depois reencarnei numa família de burgueses pobres. Ainda criança perdi meus pais, e fiquei só, no mundo, desamparado. Ganhei a vida como pude, ora como operário, ora como trabalhador de campo, mas sempre honestamente, porque já cria em Deus. Mas aos 40 anos fiquei totalmente paralítico, sendo-me preciso daí por diante mendigar por mais de 50 anos, por essas mesmas terras de que fora o absoluto senhor.

Nas herdades que me haviam pertencido, recebia uma migalha de pão, feliz quando por abrigo me davam o teto de uma estrebaria. Ainda por uma acerba ironia do destino, apelidaram-me Sr. Conde. Durante o sono, aprazia-me percorrer esse mesmo castelo onde reinei despoticamente, revendo-me no fausto da minha antiga fortuna!

Ao despertar, sentia de tais visões uma impressão de amargura e tristeza, mas nunca uma só queixa se me escapou dos lábios; e quando a Deus

aprouve chamar-me, exaltei a sua glória por me haver sustentado com firmeza e resignação numa tão penosa prova, da qual hoje recebo a recompensa. Quanto a vós, minha filha, eu vos bendigo por terdes orado por mim.

Não temos, é certo, durante a vida corpórea, lembrança exata do que fomos e do que fizemos em anteriores existências; mas temos de tudo isso a intuição, sendo as nossas tendências instintivas uma reminiscência do passado. E a nossa consciência, que é o desejo que experimentamos de não reincidir nas faltas já cometidas, nos concita à resistência àqueles pendores (Allan Kardec, Pergunta 393 de O Livro dos Espíritos).

Como nos fala Emmanuel, no livro Leis de Amor, para compreender os resultados das existências anteriores, baste que o homem observe as próprias tendências, oportunidades, lutas e provas. No túmulo, a alma, ainda vinculada ao crescimento evolutivo, entra na posse das alegrias e das dores que amontoou sobre a própria cabeça; no berço, acorda e retoma o arado da

experiência, nos créditos que lhe cabe desenvolver e nos débitos que está compelida a resgatar. Se nos empenhamos na concretização de um débito, é justo suportemos a preocupação de pagar.

Portanto, o sofrimento pode ser o prelúdio da cura, caso o Espírito reaja com aceitação perante as tribulações da vida. Então, ele encontrará o benefício do pagamento das dívidas perante o tribunal divino, representando uma justa recompensa ao aluno dedicado e fiel aos compromissos assumidos.

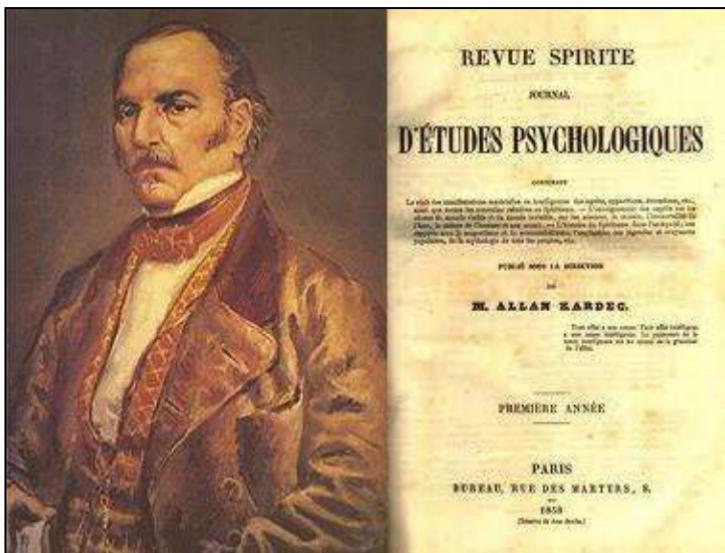
O interessante é que, aproveitada a lição, a sua consciência acusa, imediatamente, o concurso da lei que absolve o culpado. O Espírito fica, então, livre das acusações da própria consciência e habilita-se a novos degraus no caminho evolutivo.

CAPÍTULO III

QUADROS DA VIDA ESPÍRITA

CAPÍTULO III

QUADROS DA VIDA ESPÍRITA



Allan Kardec e a publicação da Revista Espírita
<http://www.falconiespiritismo.com/?p=2774>

Na revista espírita de 1959, Allan Kardec faz uma dissertação sobre a situação dos Espíritos na vida futura, um relato síntese dos quadros da vida espírita. As conversas familiares de além-túmulo e

os relatos que contêm a situação dos Espíritos que nos falam, nos iniciam em suas penas, em suas alegrias, em suas ocupações é o quadro animado da vida espírita, e na própria variedade dos assuntos podemos encontrar as analogias que nos tocam.

Tomemos primeiro a alma, em sua saída deste mundo, e vejamos o que se passa nessa transmigração. Extinguindo-se as forças vitais, o Espírito se separa do corpo no momento em que se extingue a vida orgânica; mas essa separação não é brusca e instantânea. Ela começa, algumas vezes, antes da cessação completa da vida; não está sempre completa no instante da morte. Sabemos que, entre o Espírito e o corpo, há uma laço semi-material que não é quebrado subitamente e, enquanto ele subsiste, o Espírito está num estado de perturbação que se pode comparar àquele que acompanha o despertar; frequentemente mesmo, ele duvida de sua morte; sente que existe, vê-se, e não comprehende que possa viver sem seu corpo, do qual se vê separado; os laços que o unem, ainda, à matéria, tornam-no mesmo acessível a certas sensações

que toma por sensações físicas; não é senão quando está completamente livre que o Espírito se reconhece: até aí não se apercebe de sua situação.

A duração desse estado de perturbação é muito variável; pode ser de várias horas, como de vários meses, mas é raro que, ao cabo de alguns dias, o Espírito não se reconheça mais ou menos bem. Entretanto, como tudo lhe é estranho e desconhecido, é preciso um certo tempo para se familiarizar com a sua nova maneira de perceber as coisas.

O instante em que um deles vê cessar sua escravidão, pela ruptura dos laços que o retêm ao corpo, é um instante solene; em sua reentrada no mundo dos Espíritos, é acolhido por seus amigos, que vêm recebê-lo como no retorno de uma penosa viagem; se a travessia foi feliz, quer dizer, se o tempo de exílio foi empregado de modo proveitoso, por ele, e o eleva na hierarquia do mundo dos Espíritos, felicitam-no; aí reencontra aqueles que conheceu, misturam-se àqueles que

o amam e simpatizam com ele, e então começa, verdadeiramente, para ele, sua nova existência.

Aqueles cuja inteligência está ainda atrasada, não a compreendem mesmo de todo, e teriam muita dificuldade para descrevê-la; absolutamente como, entre nós, os ignorantes veem e se movem sem saberem por quê e como.

Os Espíritos não são, pois, seres vagos, indefinidos, segundo as definições abstratas da alma que reportamos mais acima; são seres reais, determinados, circunscritos, gozando de todas as nossas faculdades e de muitas outras que nos são desconhecidas, porque elas são inerentes à sua natureza; têm as qualidades da matéria que lhes é própria e compõem o mundo invisível que povoa o espaço, nos cercam, nos acotovelam sem cessar.

Suponhamos, por um instante, que o véu material que os oculta à nossa visão seja rasgado, ver-nos-íamos cercados de uma multidão de seres que vão, vem, se agitam ao nosso redor, nos observam, como nós mesmos o somos quando nos encontramos em uma assembleia de cegos.

Para os Espíritos, somos cegos, e eles são os videntes.

Dissemos que, entrando em sua nova vida, o Espírito leva algum tempo para se reconhecer que tudo lhe é estranho e desconhecido. Perguntar-se-á, sem dúvida, como pode ser assim se já teve outras existências corpóreas; essas existências foram separadas por intervalos durante os quais habitaram o mundo dos Espíritos; esse mundo, portanto, não lhe deve ser desconhecido, uma vez que não o vê pela primeira vez.

A morte, dissemos, é sempre seguida de um instante de perturbação, mas que pode ser de curta duração. Nesse estado, suas idéias são sempre vagas e confusas: a vida corpórea se confunde, de alguma sorte, com a vida espírita, e não pode, ainda, separá-las em seu pensamento. Dissipada essa primeira perturbação, as idéias se elucidam pouco a pouco e, com elas, a lembrança do passado que não lhe chega senão gradualmente à memória, porque jamais essa memória nele se irrompe bruscamente.

Não é senão quando está inteiramente desmaterializado que o passado se desenrola diante dele, como uma perspectiva saindo de um nevoeiro. Só então se lembra de todos os atos de sua última existência, depois de suas existências anteriores e suas diversas passagens pelo mundo dos Espíritos. Concebe-se, pois, depois disso, que, durante um certo tempo, esse mundo deve parecer-lhe novo, até que o reconheça completamente, e que as lembranças das sensações que nele experimentou lhe retornem de maneira precisa.

O estado do Espírito, como Espírito, varia extraordinariamente em razão do grau de sua elevação e de sua pureza. À medida que se eleva e se depura, suas percepções e suas sensações são menos grosseiras; adquirem mais finura, sutileza, delicadeza; ele vê, sente e comprehende coisas que não podia nem ver, nem sentir e nem compreender em uma condição inferior.

Ora, sendo cada existência corpórea, para ele, uma oportunidade de progresso, o conduz para um meio novo, porque se encontra, se progrediu,

entre Espíritos de uma outra ordem cujos pensamentos e todos os hábitos são diferentes. Acrescentemos a isso que essa depuração permite-lhe penetrar, sempre como Espírito, em mundos inacessíveis aos Espíritos inferiores, como, entre nós, os salões da sociedade são interditados às pessoas mal educadas. Quanto menos está esclarecido, mais o horizonte lhe é limitado; à medida que se eleva e se depura, esse horizonte cresce e, com ele, o círculo de suas ideias e de suas percepções. A comparação seguinte pode no-lo fazer compreender.

Suponhamos um camponês, rude e ignorante, vindo a Paris pela primeira vez; conhecerá e compreenderá ele a Paris do mundo elegante e do mundo sábio? Não, porque não frequentará senão as pessoas de sua classe e os bairros que elas habitam. Mas que, no intervalo de uma segunda viagem, esse camponês se esclareça, haja adquirido instrução e maneiras polidas, seus hábitos e suas relações serão diferentes; então, verá um mundo novo para ele, que não se parecerá com a sua Paris de outrora. Ocorre o

mesmo com os Espíritos; mas nem todos experimentam essa incerteza no mesmo grau.

À medida que progridem, suas ideias se desenvolvem, a memória é mais rápida; estão previamente familiarizados com a sua nova situação; seu retorno, entre os outros Espíritos, nada mais tem que os espante: reencontram-se em seu meio normal, e, passado o primeiro momento de perturbação, se reconhecem quase que imediatamente.

Tal é a situação geral dos Espíritos, no estado que se chama errante; mas, nesse estado, que fazem? Como passam seu tempo? Essa questão é, para nós, de um interesse fundamental. Eles mesmos irão respondê-las, como foram eles que nos forneceram as explicações que acabamos de dar, porque, em tudo isto, nada saiu de nossa imaginação; isso não é um sistema desportado em nosso cérebro: nós julgamos segundo o que vemos e ouvimos.

À parte toda opinião sobre o Espiritismo, convir-se-á que essa teoria da vida de

além-túmulo nada tem de irracional; ela apresenta uma sequência, um encadeamento perfeitamente lógicos, e que fariam honra a mais de um filósofo.

Entre aqueles que alcançaram um certo grau de elevação, uns velam pelo cumprimento dos desígnios de Deus nos grandes destinos do Universo; dirigem a marcha dos acontecimentos e concorrem para o progresso de cada mundo; outros tomam os indivíduos sob sua proteção e se constituem seus gênios tutelares, os anjos guardiães, seguindo-os desde o nascimento até a morte, buscando dirigi-los no caminho do bem: é uma felicidade, para eles, quando seus esforços são coroados de sucesso.

Alguns se encarnam em mundos inferiores para aí cumprirem missões de progresso; buscam pelo seu trabalho, seus exemplos, seus conselhos, seus ensinamentos, avançar estes nas ciências ou nas artes, aqueles na moral. Submetem-se, então, voluntariamente, às vicissitudes de uma vida corpórea, frequentemente penosa, com o objetivo de fazerem o bem, e o bem que fazem lhes é contado.

Muitos, enfim, não têm atribuições especiais; vão por toda parte onde sua presença possa ser útil, dar conselhos, inspirar boas ideias, sustentar os de coragem desfalecente, dar força aos fracos e castigo aos presunçosos.

Considerando-se o número infinito de mundos que povoam o Universo e o número incalculável de seres que os habitam, conceber-se-á que os Espíritos têm com que se ocuparem; mas essas ocupações não lhes são penosas; cumprem-nas com alegria, voluntariamente e não por constrangimento, e sua felicidade está em triunfarem naquilo que empreendem; ninguém sonha com uma ociosidade eterna que seria um verdadeiro suplício.

Quando as circunstâncias o exigem, reúnem-se em conselho, deliberam sobre o caminho a seguir, segundo os acontecimentos, dão ordens aos Espíritos que lhes são subordinados, e, em seguida, vão para onde o dever os chama. Essas assembleias são mais ou menos gerais ou particulares, segundo a importância do assunto; nenhum lugar especial e circunscrito está

destinado a essas reuniões: o espaço é o domínio dos Espíritos; todavia, de preferência, dirigem-se aos globos onde estão os seus objetivos.

Os Espíritos encarnados que aí estão em missão, nelas tomam parte segundo sua elevação; enquanto seus corpos repousam, vão haurir conselhos entre os outros Espíritos, frequentemente, receber ordens sobre a conduta que devem ter como homens. Em seu despertar, não têm, é verdade, uma lembrança precisa do que se passou, mas têm a intuição, que os faz agirem como por sua própria iniciativa.

Descendo na hierarquia, encontramos os Espíritos menos elevados, menos depurados, e, por consequência, menos esclarecidos, mas que não são menos bons, e que, numa esfera de atividade mais restrita, cumprem funções análogas. Sua ação, em lugar de se estender aos diferentes mundos, se exerce, mais especialmente, sobre um globo determinado, em relação com o grau de seu adiantamento; sua influência é mais individual e tem por objeto coisas de menor importância.

Em seguida, vem a multidão de Espíritos, mais ou menos bons ou maus, que aparecem em grande número ao nosso redor; elevam-se pouco acima da Humanidade, da qual representam todas as nuances e são como o reflexo, porque têm todos os vícios e todas as virtudes; num grande número, encontram-se os gostos, as ideias e as tendências que tinham quando em vida; suas faculdades são limitadas, seu julgamento falível como o dos homens, frequentemente errado e imbuído de preconceitos.

Em outros o sentido moral é mais desenvolvido; sem terem nem grande superioridade, nem grande profundidade, julgam mais sadiamente, e, com frequência, condenam o que fizeram, disseram ou pensaram durante a vida.

De resto, há isto de notável, que mesmo entre os Espíritos mais comuns, a maioria tem sentimentos mais puros como Espíritos do que como homens, a vida espírita esclarece-os quanto aos seus defeitos; e, com bem poucas exceções, se arrependem amargamente, e lamentam o mal que fizeram, porque o sofrem mais ou menos

cruelmente. Algumas vezes, vimo-los como não sendo melhores, mas jamais sendo piores do que eram quando vivos.

O endurecimento absoluto é muito raro e não é senão temporário, porque, cedo ou tarde, acabam por sofrer em sua posição, e pode-se dizer que todos aspiram a se aperfeiçoarem, porque todos compreendem que é o único meio de saírem de sua inferioridade; instruírem-se, esclarecerem-se, aí está sua grande preocupação, e ficam felizes quando lhe podem juntar algumas pequenas missões de confiança que os revelam aos seus próprios olhos.

Têm também suas assembleias, mais ou menos serias segundo os seus pensamentos. Falam conosco, veem e observam o que se passa; misturam-se às nossas reuniões, aos nossos jogos, às nossas festas, aos nossos espetáculos, como aos nossos negócios sérios; escutam nossas conversas: os mais levianos para se divertirem e, frequentemente, rirem às nossas custas e, se podem, agirem com malícia, os outros para se instruírem; observam os homens, seu

caráter, e fazem o que chamam de estudos dos costumes, tendo em vista se fixarem sobre a escolha de sua existência futura.

Vimos o Espírito no momento em que, deixando seu corpo, entra em sua nova vida; analisamos suas sensações, seguimos o desenvolvimento gradual de suas ideias. Os primeiros momentos são empregados em se reconhecer, e se inteirar do que se passa com ele; em uma palavra, ensaia, por assim dizer, suas faculdades, como a criança que, pouco a pouco, vê aumentar suas forças e seus pensamentos.

Falamos de Espíritos vulgares porque os outros, como dissemos, estão de alguma sorte identificados previamente com o estado espírita que não lhes causa nenhuma surpresa, mas unicamente a alegria de estarem livres dos entraves e dos sofrimentos corpóreos.

Entre os Espíritos inferiores, muitos lamentam a vida terrestre, porque sua situação como Espírito é cem vezes pior, e é por isso que procuram uma distração na visão do que fazia outrora suas

delícias, mas essa própria visão é, para eles, um suplício, porque têm o desejo e não podem satisfazê-lo.

A necessidade de progredir é geral entre os Espíritos, e é o que os excita a trabalharem pelo seu adiantamento, porque compreendem que a sua felicidade tem esse preço; mas nem todos sentem essa necessidade no mesmo grau, sobretudo em começando; alguns se comprazem mesmo numa espécie de vadiagem, mas que não tem senão um tempo; cedo a atividade torna-se uma necessidade imperiosa, à qual, aliás, são impelidos por outros Espíritos que lhes estimulam o sentimento do bem.

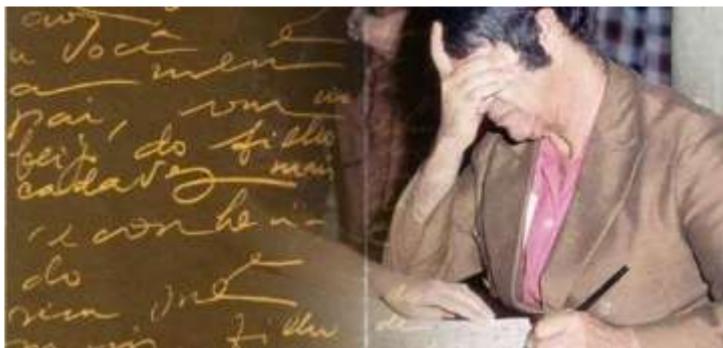
Em seguida, vem o que se pode chamar os verdadeiramente infelizes do mundo espírita, composta de todos os Espíritos impuros, nos quais o mal é a única preocupação. Sofrem e gostariam de ver todos os outros sofrerem como eles. O ciúme toma-lhes odiosa toda superioridade; o ódio é sua essência; não podendo prenderem-se aos Espíritos, prendem-se aos homens e atacam aqueles que lhes parecem mais fracos. Excitar as

más paixões, insuflar a discórdia, separar os amigos, provocar as rixas, inchar o orgulho dos ambiciosos para se dar o prazer de abatê-los em seguida, espalhar o erro e a mentira, em uma palavra, desviar do bem, tais são os seus pensamentos dominantes.

E assim, Kardec conclui suas considerações perguntando, por que Deus permite que seja assim? Deus não tem contas a nos prestar. Os Espíritos superiores nos dizem que os maus são provas para os bons, e que não há virtude onde não há vitória a se alcançar.

De resto, se esses Espíritos malfazejos se encontram em nossa Terra, é porque aqui encontram ecos e simpatias. Consolemo-nos pensando que, acima dessa situação que nos cerca, há seres puros e benevolentes que nos amam, nos sustentam, nos encorajam, e nos estendem os braços para nos levar até eles, e nos conduzir a mundos melhores, onde o mal não tem acesso, se soubermos fazer o que é preciso para merecê-lo.

Para ilustrar quadros da vida espiritual, vamos recordar a passagem narrada por Humberto de Campos, no livro Cartas e Crônicas, psicografado por Chico Xavier. Um encontro natural entre almas, apenas, com a diferença de estatura espiritual, e de que são os próprios Espíritos que se melhoram e, melhorando-se, passam de uma ordem inferior para outra mais elevada.



Chico Xavier no trabalho de difusão da Doutrina Espírita

<http://verdademundial.com.br/category/cartas-psicografadas/>

Conta-se, que no vale das trevas delirava a legião de Espíritos infelizes. Planejavam-se assaltos, maquinavam-se crimes.

O Espírito Benfeitor penetrou a caverna, apaziguando e abençoando. Aqui, abraçava um

desventurado, apartando-o da malta, de modo a entregá-lo, mais tarde, a equipes socorristas; mais adiante, aliviava com suave magnetismo a cabeça atormentada de entidades em desvario.

O serviço assistencial seguia difícil, quando enfurecido mandante da crueldade, ao descobri-lo, se aquietou em súbita acalmia e, impondo respeitosa serenidade a chusma de loucos, declinou-lhe a nobre condição. Que os companheiros rebelados se acomodassem, deixando livre passagem àquele que reconhecia por missionário do bem.

Conheces-me? - interrogou o recém-chegado, entre espantado e agradecido. Sim, disse o rude empreiteiro da sombra, eu era um doente na Terra e curaste meu corpo que a moléstia desfigurava. Lembro-me perfeitamente de teu cuidado ao lavar-me as feridas.

Os circunstantes entraram na conversação de improviso e um deles, de dura carranca, apontou o visitador e clamou para o amigo, que mais te fez

este homem no mundo para que sejamos forçados à deferência?

Deu-me teto e agasalho. Supriu minha casa de pão e roupa, libertando-nos, a mim e a família, da nudez e da fome. Muitas vezes, dividia comigo o que trazia na bolsa, entregando-me abençoado dinheiro para que a penúria não me arrasasse.

Estabelecido o silêncio, o Espírito Benfeitor, encorajado pelo que ouvia, indagou com humildade, dizendo que nada fez senão cumprir o dever que a fraternidade impunha; entretanto, se ele se mostrava tão generoso, em tuas manifestações de reconhecimento e de amor que reconhecia não merecer, porque ele te entregava, assim, à obsessão e à delinquência?

O interpelado pareceu sensibilizar-se, balançou tristemente a cabeça e explicou que, em verdade, ele havia sido bom e amparado a sua vida, mas não o ensinaste a viver!

Na realidade prática, todos se tornarão perfeitos. Um pai justo e misericordioso não pode banir seus filhos para sempre. Mudam de ordem, mas

demoradamente. À medida que avançam, compreendem o que os distancia da perfeição. O Espírito pode permanecer estacionário, mas não retrograda, e os que enveredaram pela senda do mal chegarão ao mesmo grau de superioridade que os outros, mas o tempo de sofrimento será mais longo.

Emmanuel ratifica esse entendimento, no livro Religião dos Espíritos, dizendo que em toda circunstância, o mérito depende da melhora que o Espírito fizer, buscando educar a si mesmo, aprendendo e servindo, amando e perdoando.

Portanto, os quadros do mundo espiritual, simplesmente, nos mostram o dinamismo da vida nos dois planos existenciais, ou seja, se existem encontros, diálogos, planejamentos, estudos, vivências no mundo físico, o mesmo acontece no mundo dos Espíritos, onde a população desencarnada encontra-se até mais livre para continuar a procurar suas predileções. Dessa forma, a vida social dos desencarnados, em planos elevados ou em cidades infelizes, apenas

representam a continuidade do que o homem procurou nas lides físicas.

CAPÍTULO IV

CÓDIGO PENAL DA VIDA FUTURA

CAPÍTULO IV

CÓDIGO PENAL DA VIDA FUTURA



<https://www.independent.ie/irish-news/courts/court-time-wasted-on-squabbles-says-judge-36365854.html>

Allan Kardec, após dialogar com os Espíritos de todas as categorias, por um exaustivo trabalho de investigação, comparação e análise formula um código que se tornou a expressão clara da justiça divina. O Espiritismo não vem, pois, formular um código de fantasia; a sua lei, no que respeita ao futuro da alma, foi deduzida das observações dos fatos, e pode resumir-se nos seguintes pontos, todos eles extraídos do livro O Céu e o Inferno, de Allan Kardec.

1º — A alma ou Espírito sofre na vida espiritual as consequências de todas as imperfeições que não conseguiu corrigir na vida corporal. O seu estado, feliz ou infeliz, é inerente ao seu grau de pureza ou impureza.

2º — A completa felicidade prende-se à perfeição, isto é, à purificação completa do Espírito. Toda imperfeição é, por sua vez, causa de sofrimento e de privação de deleite, do mesmo modo que toda perfeição é fonte de deleite e atenuante de sofrimentos.

3º — Não há uma única imperfeição da alma que não importe funestas e inevitáveis consequências, como não há uma só qualidade boa que não seja fonte de um deleite.

A soma das penas é, assim, proporcional à soma das imperfeições, como a dos deleites à das qualidades. A alma que tem dez imperfeições, por exemplo, sofre mais do que a que tem três ou quatro; e quando dessas dez imperfeições não lhe restar mais que metade ou um quarto, menos sofrerá.

De todo extintas, então a alma será perfeitamente feliz. Também na Terra, quem tem muitas moléstias, sofre mais do que quem tenha apenas uma ou nenhuma. Pela mesma razão, a alma que possui dez perfeições, tem mais gozos do que outra menos rica de boas qualidades.

4º — Em virtude da lei do progresso que dá a toda alma a possibilidade de adquirir o bem que lhe falta, como de despojar-se do que tem de mau, conforme o esforço e vontade próprios, temos que o futuro é aberto a todas as criaturas. Deus não

repudia nenhum de seus filhos, antes recebe-os em seu seio à medida que atingem a perfeição, deixando a cada qual o mérito das suas obras.

5º — Dependendo o sofrimento da imperfeição, como o deleite da perfeição, a alma traz consigo o próprio castigo ou prêmio, onde quer que se encontre, sem necessidade de lugar circunscrito. O inferno está por toda parte em que haja almas sofredoras, e o céu igualmente onde houver almas felizes.

6º — O bem e o mal que fazemos decorrem das qualidades que possuímos. Não fazer o bem quando podemos é, portanto, o resultado de uma imperfeição. Se toda imperfeição é fonte de sofrimento, o Espírito deve sofrer não somente pelo mal que fez como pelo bem que deixou de fazer na vida terrestre.

7º — O Espírito sofre pelo mal que fez, de maneira que, sendo a sua atenção constantemente dirigida para as consequências desse mal, melhor comprehende os seus inconvenientes e trata de corrigir-se.

8º — Sendo infinita a justiça de Deus, o bem e o mal são rigorosamente considerados, não havendo uma só ação, um só pensamento mau que não tenha consequências fatais, como não há uma única ação meritória, um só bom movimento da alma que se perca, mesmo para os mais perversos, por isso que constituem tais ações um começo de progresso.

9º — Toda falta cometida, todo mal realizado é uma dívida contraída que deverá ser paga; se o não for em uma existência, sê-lo-á na seguinte ou seguintes, porque todas as existências são solidárias entre si. Aquele que se quita numa existência não terá necessidade de pagar segunda vez.

10º — O Espírito sofre, quer no mundo corporal, quer no espiritual, a consequência das suas imperfeições. As misérias, as vicissitudes padecidas na vida corpórea, são oriundas das nossas imperfeições, são expiações de faltas cometidas na presente ou em precedentes existências.

Pela natureza dos sofrimentos e vicissitudes da vida corpórea, pode julgar-se a natureza das faltas cometidas em anterior existência, e das imperfeições que as originaram.

11º — A expiação varia segundo a natureza e gravidade da falta, podendo, portanto, a mesma falta determinar expiações diversas, conforme as circunstâncias, atenuantes ou agravantes, em que for cometida.

12º — Não há regra absoluta nem uniforme quanto à natureza e duração do castigo: — a única lei geral é que toda falta terá punição, e terá recompensa todo ato meritório, segundo o seu valor.

13º — A duração do castigo depende da melhoria do Espírito culpado.

Nenhuma condenação por tempo determinado lhe é prescrita. O que Deus exige por termo de sofrimentos é um melhoramento sério, efetivo, sincero, de volta ao bem. Deste modo o Espírito é sempre o árbitro da própria sorte, podendo

prolongar os sofrimentos pela pertinácia no mal, ou suavizá-los e anulá-los pela prática do bem.

Uma condenação por tempo predeterminado teria o duplo inconveniente de continuar o martírio do Espírito renegado, ou de libertá-lo do sofrimento quando ainda permanecesse no mal. Ora, Deus, que é justo, só pune o mal enquanto existe, e deixa de o punir quando não existe mais; por outra, o mal moral, sendo por si mesmo causa de sofrimento, fará este durar enquanto subsistir aquele, ou diminuirá de intensidade à medida que ele decresça.

14º — Dependendo da melhoria do Espírito a duração do castigo, o culpado que jamais melhorasse sofreria sempre, e, para ele, a pena seria eterna.

15º — Uma condição inerente à inferioridade dos Espíritos é não lobiigarem o termo da provação, acreditando-a eterna, como eterno lhes parece deva ser um tal castigo.

16º — O arrependimento, conquanto seja o primeiro passo para a regeneração, não basta por

si só; são precisas a expiação e a reparação. Arrependimento, expiação e reparação constituem, portanto, as três condições necessárias para apagar os traços de uma falta e suas consequências.

O arrependimento suaviza os travos da expiação, abrindo pela esperança o caminho da reabilitação; só a reparação, contudo, pode anular o efeito destruindo-lhe a causa. Do contrário, o perdão seria uma graça, não uma anulação.

17º — O arrependimento pode dar-se por toda parte e em qualquer tempo; se for tarde, porém, o culpado sofre por mais tempo. Até que os últimos vestígios da falta desapareçam, a expiação consiste nos sofrimentos físicos e morais que lhe são consequentes, seja na vida atual, seja na vida espiritual após a morte, ou ainda em nova existência corporal.

A reparação consiste em fazer o bem àqueles a quem se havia feito o mal. Quem não repara os seus erros numa existência, por fraqueza ou má vontade, achar-se-á numa existência ulterior em

contato com as mesmas pessoas que de si tiverem queixas, e em condições voluntariamente escolhidas, de modo a demonstrar-lhes reconhecimento e fazer-lhes tanto bem quanto mal lhes tenha feito. Nem todas as faltas acarretam prejuízo direto e efetivo; em tais casos a reparação se opera, fazendo-se o que se deveria fazer e foi descurado; cumprindo os deveres desprezados, as missões não preenchidas; praticando o bem em compensação ao mal praticado, isto é, tornando-se humilde se se tem sido orgulhoso, amável se se foi austero, caridoso se se tem sido egoísta, benigno se se tem sido perverso, laborioso se se tem sido ocioso, útil se se tem sido inútil, frugal se se tem sido intemperante, trocando em suma por bons os maus exemplos perpetrados. E desse modo progride o Espírito, aproveitando-se do próprio passado.

18º — Os Espíritos imperfeitos são excluídos dos mundos felizes, cuja harmonia perturbariam. Ficam nos mundos inferiores a expiarem as suas faltas pelas tribulações da vida, e purificando-se das suas imperfeições até que mereçam a

encarnação em mundos mais elevados, mais adiantados moral e fisicamente.

Se podemos conceber um lugar circunscrito de castigo, tal lugar é, sem dúvida, nesses mundos de expiação, em torno dos quais aparecem em grande quantidade Espíritos imperfeitos, desencarnados à espera de novas existências que lhes permitam reparar o mal, auxiliando-os no progresso.

19º — Como o Espírito tem sempre o livre-arbítrio, o progresso por vezes se lhe torna lento, e tenaz a sua obstinação no mal. Nesse estado, pode persistir anos e séculos, vindo por fim um momento em que a sua contumácia se modifica pelo sofrimento, e, a despeito da sua jactância, reconhece o poder superior que o domina. Então, desde que se manifestam os primeiros vislumbres de arrependimento, Deus lhe faz entrever a esperança. Nem há Espírito incapaz de nunca progredir, votado a eterna inferioridade, o que seria a negação da lei de progresso, que providencialmente rege todas as criaturas.

20º — Quaisquer que sejam a inferioridade e perversidade dos Espíritos, Deus jamais os abandona. Todos têm seu anjo de guarda que por eles vela, na persuasão de suscitar-lhes bons pensamentos, desejos de progredir e, bem assim, de espreitar-lhes os movimentos da alma, com o que se esforçam por reparar em uma nova existência o mal que praticaram. Contudo, essa interferência do guia faz-se quase sempre ocultamente e de modo a não haver pressão, pois que o Espírito deve progredir por impulso da própria vontade, nunca por qualquer sujeição. O bem e o mal são praticados em virtude do livre-arbítrio, e, consequintemente, sem que o Espírito seja fatalmente impelido para um ou outro sentido. Persistindo no mal, sofrerá as consequências por tanto tempo quanto durar a persistência, do mesmo modo que, dando um passo para o bem, sente imediatamente benéficos efeitos.

Erro seria supor que, por efeito da lei de progresso, a certeza de atingir cedo ou tarde a perfeição e a felicidade pode estimular a perseverança no mal, sob a condição do ulterior

arrependimento: primeiro porque o Espírito inferior não se apercebe do termo da sua situação; e segundo porque, sendo ele o autor da própria infelicidade, acaba por compreender que de si depende o fazê-la cessar; que por tanto tempo quanto perseverar no mal será infeliz; finalmente, que o sofrimento será interminável se ele próprio não lhe der fim. Seria, pois, um cálculo negativo, cujas consequências o Espírito seria o primeiro a reconhecer. Com o dogma das penas irremissíveis é que se verifica, precisamente, tal hipótese, visto como é para sempre interdita qualquer ideia de esperança, não tendo pois o homem interesse em converter-se ao bem, para ele sem proveito.

Diante dessa lei, cai também a objeção extraída da presciênciia divina, pois Deus, criando uma alma, sabe efetivamente se, em virtude do seu livre-arbítrio, ela tomará a boa ou a má estrada; sabe que ela será punida se fizer o mal; mas sabe também que tal castigo temporário é um meio de fazê-la compreender o erro, cedo ou tarde entrando no bom caminho. Pela doutrina das penas eternas conclui-se que Deus sabe que essa

alma falirá e, portanto, que está previamente condenada a torturas infinitas.

21º — A responsabilidade das faltas é toda pessoal, ninguém sofre por erros alheios, salvo se a eles deu origem, quer provocando-os pelo exemplo, quer não os impedindo quando poderia fazê-lo.

Assim, o suicida é sempre punido; mas aquele que por maldade impele outro a cometê-lo, esse sofre ainda maior pena.

22º — Conquanto infinita a diversidade de punições, algumas há inerentes à inferioridade dos Espíritos, e cujas consequências, salvo pormenores, são pouco mais ou menos idênticas. A punição mais imediata, sobretudo entre os que se acham ligados à vida material em detrimento do progresso espiritual, faz-se sentir pela lentidão do desprendimento da alma; nas angústias que acompanham a morte e o despertar na outra vida, na consequente perturbação que pode dilatar-se por meses e anos.

Naqueles que, ao contrário, têm pura a consciência e na vida material já se acham identificados com a vida espiritual, o trespasso é rápido, sem abalos, quase nula a turbação de um pacífico despertar.

23º — Um fenômeno muito frequente entre os Espíritos de certa inferioridade moral é o acreditarem-se ainda vivos, podendo esta ilusão prolongar-se por muitos anos, durante os quais eles experimentarão todas as necessidades, todos os tormentos e perplexidades da vida.

24º — Para o criminoso, a presença incessante das vítimas e das circunstâncias do crime é um suplício cruel.

25º — Espíritos há mergulhados em densa treva; outros se encontram em absoluto insulamento no Espaço, atormentados pela ignorância da própria posição, como da sorte que os aguarda. Os mais culpados padecem torturas muito mais pungentes por não lhes entreverem um termo. Alguns são privados de ver os seres queridos, e todos, geralmente, passam com intensidade relativa

pelos males, pelas dores e privações que a outrem ocasionaram. Esta situação perdura até que o desejo de reparação pelo arrependimento lhes traga a calma para entrever a possibilidade de, por eles mesmos, pôr um termo à sua situação.

26º — Para o orgulhoso relegado às classes inferiores, é suplício ver acima dele colocados, cheios de glória e bem-estar, os que na Terra desprezara. O hipócrita vê desvendados, penetrados e lidos por todo o mundo os seus mais secretos pensamentos, sem que os possa ocultar ou dissimular; o sátiro, na impotência de os saciar, tem na exaltação dos bestiais desejos o mais atroz tormento; vê o avaro o esbanjamento inevitável do seu tesouro, enquanto que o egoísta, desamparado de todos, sofre as consequências da sua atitude terrena; nem a sede nem a fome lhe serão mitigadas, nem amigas mãos se lhe estenderão às suas mãos súplices; e pois que em vida só de si cuidara, ninguém dele se compadecerá na morte.

27º — O único meio de evitar ou atenuar as consequências futuras de uma falta, está no

repará-la, desfazendo-a no presente. Quanto mais nos demorarmos na reparação de uma falta, tanto mais penosas e rigorosas serão, no futuro, as suas consequências.

28º — A situação do Espírito, no mundo espiritual, não é outra senão a por si mesmo preparada na vida corpórea. Mais tarde, outra encarnação se lhe facilita para novas provas de expiação e reparação, com maior ou menor proveito, dependentes do seu livre-arbítrio; e se ele não se corrige, terá sempre uma missão a recomeçar, sempre e sempre mais acerba, de sorte que pode dizer-se que aquele que muito sofre na Terra, muito tinha a expiar; e os que gozam uma felicidade aparente, em que pesem aos seus vícios e inutilidades, pagá-la-ão mui caro em ulterior existência.

29º — Certo, a misericórdia de Deus é infinita, mas não é cega. O culpado que ela atinge não fica exonerado, e, enquanto não houver satisfeito à justiça, sofre a consequência dos seus erros. Por infinita misericórdia, devemos ter que Deus não é

inexorável, deixando sempre viável o caminho da redenção.

30º — Subordinadas ao arrependimento e reparação dependentes da vontade humana, as penas, por temporárias, constituem simultaneamente castigos e remédios auxiliares à cura do mal. Os Espíritos, em prova, não são, pois, quais galés por certo tempo condenados, mas como doentes de hospital sofrendo de moléstias resultantes da própria incúria, a compadecerem-se com meios curativos mais ou menos dolorosos que a moléstia reclama, esperando alta tanto mais pronta quanto mais estritamente observadas as prescrições do solícito médico assistente. Se os doentes, pelo próprio descuido de si mesmos, prolongam a enfermidade, o médico nada tem que ver com isso.

31º — Às penas que o Espírito experimenta na vida espiritual ajuntam-se as da vida corpórea, que são consequentes às imperfeições do homem, às suas paixões, ao mau uso das suas faculdades e à expiação de presentes e passadas faltas. É na

vida corpórea que o Espírito repara o mal de anteriores existências, pondo em prática resoluções tomadas na vida espiritual. Assim se explicam as misérias e vicissitudes mundanas que, à primeira vista, parecem não ter razão de ser. Justas são elas, no entanto, como espólio do passado — herança que serve à nossa romagem para a perfeição.

32º — Deus, diz-se, não daria prova maior de amor às suas criaturas, criando-as infalíveis e, por conseguinte, isentas dos vícios inerentes à imperfeição? Para tanto fora preciso que Ele criasse seres perfeitos, nada mais tendo a adquirir, quer em conhecimentos, quer em moralidade. Certo, porém, Deus poderia fazê-lo, e se não o fez é que em sua sabedoria quis que o progresso constituísse lei geral. Os homens são imperfeitos, e, como tais, sujeitos a vicissitudes mais ou menos penosas. E, pois que o fato existe, devemos aceitá-lo. Inferir dele que Deus não é bom nem justo, fora insensata revolta contra a lei.

Injustiça haveria, sim, na criação de seres privilegiados, mais ou menos favorecidos, fruindo

gozos que outros porventura não atingem senão pelo trabalho, ou que jamais pudessem atingir. Ao contrário, a justiça divina patenteia-se na igualdade absoluta que preside à criação dos Espíritos; todos têm o mesmo ponto de partida e nenhum se distingue em sua formação por melhor aquinhoado; nenhuma cuja marcha progressiva se facilite por exceção: os que chegam ao fim têm passado, como quaisquer outros, pelas fases de inferioridade e respectivas provas.

Isto posto, nada mais justo que a liberdade de ação a cada qual concedida. O caminho da felicidade a todos se abre amplo, como a todos as mesmas condições para atingi-la. A lei, gravada em todas as consciências, a todos é ensinada. Deus fez da felicidade o prêmio do trabalho e não do favoritismo, para que cada qual tivesse seu mérito.

Todos somos livres no trabalho do próprio progresso, e o que muito e depressa trabalha, mais cedo recebe a recompensa. O romeiro que se desgarra, ou em caminho perde tempo, retarda

a marcha e não pode queixar-se senão de si mesmo.

O bem como o mal são voluntários e facultativos: livre, o homem não é fatalmente impelido para um nem para outro.

33º — Em que pese à diversidade de gêneros e graus de sofrimentos dos Espíritos imperfeitos, o código penal da vida futura pode resumir-se nestes três princípios:

1º — O sofrimento é inerente à imperfeição.

2º — Toda imperfeição, assim como toda falta dela promanada, traz consigo o próprio castigo nas consequências naturais e inevitáveis: assim, a moléstia pune os excessos e da ociosidade nasce o tédio, sem que haja mister de uma condenação especial para cada falta ou indivíduo.

3º — Podendo todo homem libertar-se das imperfeições por efeito da vontade, pode igualmente anular os males consecutivos e assegurar a futura felicidade.

A cada um segundo as suas obras, no Céu como na Terra: — tal é a lei da Justiça Divina.

No livro *Justiça Divina*, psicografado por Chico Xavier, encontramos a página intitulada “Perdoados, mas não limpos”, ditada pelo Espírito de Emmanuel. Essa mensagem nos permite a oportunidade de refletir sobre Deus na condição de Pai amoroso, além de refletir na misericórdia de Deus que garante livre acesso à renovação. Diz, então, Emmanuel que em nossas faltas, na maioria das vezes, somos imediatamente perdoados, mas não limpos. Fomos perdoados pela brasa da calúnia, mas o fogo que arremessamos à cabeça do próximo passa a incendiar-nos o coração. Fomos perdoados pelo corte da ofensa, mas a pedra atirada aos irmãos do caminho volta incontinenti, a lanhar-nos o próprio ser. Fomos perdoados pela falha de vigilância, mas o prejuízo em nossos vizinhos cobre-nos de vergonha. Fomos perdoados pela manifestação de fraqueza, mas o desastre que provocamos é dor moral que nos segue os dias. Fomos perdoados por todos aqueles a quem ferimos, no delírio da violência, mas, onde

estivermos, é preciso extinguir os monstros do remorso que os nossos pensamentos articulam, desarvorados. Chaga que abrimos na alma de alguém pode ser luz e renovação nesse mesmo alguém, mas será sempre chaga de aflição a pesar-nos na vida.

Ridiculizados, atacados, perseguidos ou dilacerados, evitemos o mal, mesmo quando o mal assuma a feição de defesa, porque todo mal que fizermos aos outros é mal a nós mesmos. Quase sempre aqueles que passaram pelos golpes de nossa irreflexão já nos perdoaram incondicionalmente, fulgindo nos planos superiores; no entanto, pela lei de correspondência, ruminamos, por tempo indeterminado, os quadros sinistros que nós mesmos criamos.

Então, em matéria de castigos, depois da morte, reflitamos na justiça da Lei que determina, realmente, seja dado a cada um conforme as próprias obras; entretanto, acima de tudo e em todas as circunstâncias, aceitemos Deus, na

definição de Jesus, que no-lo revelou como sendo o “Pai nosso que está nos Céus”.

Esta afirmativa redireciona o nosso pensamento para a misericórdia de Deus, perante nossa condição de espíritos menores e endividados perante a Lei. Realmente, Deus exige o cumprimento de sua lei, mas, à feição da parábola do filho pródigo, rejubila-se conosco quando voltamos à casa do trabalho, da caridade e da responsabilidade, trazendo no Espírito a beleza da humildade e revelando a sinceridade de corrigir, em propósitos ardentes e puros, nossos profundos deslizes. Deus nos acolhe e nos oferece novas condições para renovação de nossos destinos.

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CAPÍTULO IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Chico Xavier e o sentimento de compaixão pelo próximo

Quando nos referimos à Justiça Divina, à luz dos ensinos espíritas, localizamos os apontamentos no processo educativo das almas, onde o Espírito, protagonista principal do drama evolutivo, tem na responsabilidade individual o peso de suas próprias deliberações, ajustadas, evidentemente, ao mecanismo divino que compõem a problemática existencial.

A providência divina estabelece na lei de evolução, em bases reencarnacionistas, o ponto central do mecanismo de renovação dos Espíritos, em torno do qual as provas, dores, privações ou conquistas estarão condicionadas ao merecimento ou às necessidades de cada um. Não se trata de uma punição divina, mas a oportunidade de crescimento individual pelas avenidas da vida, onde as experiências identificam os deslizes da alma, a maturidade do espírito, além de corrigir e aperfeiçoar suas qualidades.

Encontramos, no livro “Lições de Sabedoria”, a presença de Chico Xavier afirmado ser **o sofrimento a didática da própria vida**, e que deveríamos comprehendê-lo em sua função educativa, sendo um ingrediente indispensável ao despertar do Espírito para a vida. Afinal de que valeria a Escola se o aluno não estivesse em aprendizado, se o aluno menosprezasse as lições de sabedoria para viver afastado da responsabilidade e do estudo.

No trabalho de nossa redenção, individual ou coletiva, a dor é sempre o elemento amigo e

indispensável. E a redenção de um Espírito encarnado, na Terra, consiste no resgate de todas as dívidas, com a consequente aquisição de valores morais passíveis de serem conquistados nas lutas planetárias, situação essa que eleva as personalidades espiritual a novos e mais sublimes horizontes na vida no Infinito.

Como a Justiça Divina se expressa na forma da lei, que manda o amor incondicional brilhar na intimidade de cada ser como fonte inesgotável de união e fraternidade, torna-se indispensável encontrar a fórmula para a quitação de nossos débitos. Vejamos a opinião de Emmanuel.

QUITAÇÃO

Emmanuel, Justiça Divina

Todas as contas a resgatar pedem relação direta entre credores e devedores. É por isso que te vês, frequentemente, na Terra, diante daqueles a quem deves algo.

No lar ou nas linhas que o margeiam, é fácil reconhecê-los, quando entregas desinteresse e

dedicação, recolhendo aspereza e indiferença. Muitas vezes, trazem nomes queridos no recinto doméstico, e assemelham-se a impassíveis verdugos, apresando-te o coração nas grades do sofrimento.

São companheiros de experiência que, de súbito, se transformaram em adversários gratuitos de teu caminho, hostilizando-te, em toda parte.

Entretanto, se defrontado por semelhantes problemas, é indispensável te municies de amor e paciência, tolerância e serenidade, para desfazeres a trama da incompREENSÃO. Guarda a consciência no dever lealmente cumprido e, haja o que houver, releva os golpes com que te firam, ofertando-lhes o melhor sentimento, a melhor ideia, a melhor palavra e a melhor atitude.

E, se depois de todos os teus gestos de fraternidade e benevolência, ainda te perseguem ou te injuriam, abençoa-os em prece e continua, adiante, fiel a ti mesmo, na certeza de que **humildade, na hora de crise, é nota de quitação.**

Resgata, pois, sem revolta, o próprio caminho. **Enquanto há inquietação na consciência, há resto a pagar.** Agradece, assim, as dificuldades e as dores que te rodeiam. Cada existência, no plano físico, pode ser um passo adiante, que te projete na vanguarda de luz. Misericórdia na Justiça Divina, consolações inefáveis, braços amigos, diretrizes renovadoras e auxílio constante não te faltam; contudo, está em ti mesmo aceitar, adiar, reduzir, facilitar ou agravar o preço da tua libertação (Emmanuel, Justiça Divina).

É importante destacar a função da dor como agente de renovação mental da criatura humana, em suas características de avaliação, correção ou impulso renovado de aperfeiçoamento espiritual. Compreender os exames a que somos expostos nos lances existenciais, para melhor aproveitamento das lições que a vida nos apresenta, aceitando com serenidade suas manifestações. Com Emmanuel, passamos a compreender melhor essa questão.

EXAMES

Emmanuel, Justiça Divina

A dor é agente de fixação, expondo-nos a verdadeira fisionomia moral. O sofrimento é fotógrafo oculto. Deslinda os mais íntimos aspectos da personalidade, situando-os a descoberto.

Em razão disso, cada problema que te procura é semelhante ao trabalho de análise dirigida, como que a radiografar-te certas zonas do ser, de modo a verificar-lhes o equilíbrio.

Cada provação pode ser comparada a um banho de substâncias químicas, testando-te ideias e sentimentos, para definir-lhes a sanidade. A vida, expressando a Sabedoria divina, observa cada um de nós, diariamente, examinando-nos o possível valor, a fim de valorizar-nos.

Todos temos a vontade por alavanca de luz e toda criatura, sem exceção, demonstrará a quantidade e o teor da luz que entesoura em si própria, toda vez que chamada a exame, na hora da crise.

Na luz da reencarnação, somos compelidos a reavaliar os próprios passos na certeza inconsciente de que, pelo determinismo da vida, todos seremos compelidos a modificar e acertar o nosso rumo. Pelas tentações e provas de hoje, podemos avaliar o ponto de trabalho em que a vida nos impele a sanar os erros do passado,clareando o futuro.

Perfeição é a meta a ser atingida, sendo a reencarnação o caminho pelo qual encontramos, no planejamento divino, os recursos indispensáveis, seja no ambiente familiar, profissional ou social, que nos equilibram por dentro da própria alma, mesmo que para isso sejamos levados a viver, por fora, no clima da privação, da solidão, da provação ou de compromissos existenciais severos. E isso acontece, porque toda aquisição de experiência ou falha, na direção de obra perfeita, exige naturalmente corrigenda e recomeço, equilíbrio e paciência.

Emmanuel, na lição intitulada **“Diante da Lei”**, e inserida no livro **Justiça Divina**, afirma que o

espírito consciente, criado através dos milênios, nos domínios inferiores da natureza, chega à condição de humanidade, depois de haver pago os tributos que a evolução lhe reclama. Chegamos, no dia claro da razão, com liberdade interior de escolher o próprio caminho. Todos temos, assim, na vontade a alavanca da vida, com infinitas possibilidades de mentalizar e realizar.

Possuis o que deste. Encontraste o que buscavas. Obtiveste o que pediste. Alcançarás o que almejas. És hoje o que fizeste contigo ontem. Serás amanhã o que fazes contigo hoje.

O governo do Universo é a justiça que define, em toda parte, a responsabilidade de cada um. A glória do Universo é a sabedoria, expressando luz nas consciências. O Criador concede às criaturas, no espaço e no tempo, as experiências que desejem, para que se ajustem, por fim, às leis de bondade e equilíbrio que O manifestam. Eis por que, permanecer na sombra ou na luz, na dor ou na alegria, no mal ou no bem, é ação espiritual que depende de nós.

Como está escrito na lei de Deus, ensinada por Nosso Senhor Jesus, o “amarás o teu Deus de todo o vosso coração, de todo o vosso entendimento, e ao próximo como a si mesmo”, expressa a obrigação do Espírito perante o Criador, de forma a promover o ajustamento de nossa conduta e de nossas realizações ao ponto central de todo o mecanismo universal.

Tangenciando a perfeição, seremos escravos do amor, e, assim como a planta que procura a luz, seremos, sempre, orientados por esse determinismo universal, o princípio evolutivo, que estabelece o mesmo ponto de partida e de chegada a todos os seres da criação. Sendo assim, a Justiça Divina não estabelece privilégios mas oportunidades de trabalho e crescimento espiritual, na base do ensinamento inesquecível de que a cada um sera dado segundo as suas obras.

E tudo acontece na intimidade do próprio Espírito com a voz da consciência ditando a justiça divina, pois o Criador, de uma forma ainda inexplicável para o ser humano, permanece presente na

consciência de cada um, através de suas leis e, ao mesmo tempo, extrapola os limites acanhados do Espírito humano e alçança todo o universo. Deus é imanente e transcendente ao mesmo tempo em relação a tudo o que foi criado, sem limites de tempo e espaço.

É importante destacar, para o entendimento da Justiça Divina, que ninguém está deserdado do amparo divino, considerando, entretanto, a função do mérito individual, conforme nos esclarece o educador Emmanuel.

LEI DO MÉRITO

Emmanuel, Justiça Divina

Se presumes que Deus cria seres privilegiados para incensar-lhe a grandeza, pensa na justiça, antes da adoração. Para isso, basta lembrar as circunstâncias constrangedoras em que desencarnaram quase todos os grandes vultos das ciências, das religiões e das artes, que marcaram as ideias do mundo, nas linhas da emoção e da inteligência. Dante, exilado. Leonardo da Vinci, semiparalítico. Galileu, escarnecido.

Lutero, perseguido. Vicente de Paulo, paupérrimo. Spinoza, indigente. Milton, privado da visão. Lavoisier, guilhotinado. Beethoven, surdo. Mozart, em penúria extrema. Braille, tuberculoso. Lincoln, assassinado. Curie, esmagado sob as rodas de um carro. Gandhi, varado a tiros. Gabriela Mistral, cancerosa.

E se gênios da altura de Hugo e Pasteur, Edison e Einstein, partiram da Terra menos dolorosamente, é forçoso reconhecer que passaram, entre os homens, também sofrendo e lutando, junto à bigorna do trabalho constante. Cada consciência é filha das próprias obras. Cada conquista é serviço de cada um. Deus não tem prerrogativas ou exceções. Toda glória tem preço. **É a lei do mérito, da qual ninguém escapa**

Novamente, vamos nos valer do entendimento de Emmanuel, sobre a influência da consciência, mesmo que muitos de nossos adversários já tenham nos perdoados, mas, o Espírito não se considera limpo da culpa, que esta encravada em nosso labirinto espiritual, aguardando o momento

de se exteriorizar na vida física para o reerguimento do Espírito culpado.

Em nossas faltas, na maioria das vezes, somos imediatamente perdoados, mas não limpos. Fomos perdoados por todos aqueles a quem ferimos, no delírio da violência, mas, onde estivermos, é preciso extinguir os monstros do remorso que os nossos pensamentos articulam, desarvorados.

Chaga que abrimos na alma de alguém pode ser luz e renovação nesse mesmo alguém, mas será sempre chaga de aflição a pesar-nos na vida.

Quase sempre aqueles que passaram pelos golpes de nossa irreflexão já nos perdoaram incondicionalmente, fulgindo nos planos superiores; no entanto, pela lei de correspondência, refletimos, por tempo indeterminado, os quadros sinistros que nós mesmos criamos. Cada consciência vive e evolui entre os seus próprios reflexos. É por isso que Allan Kardec afirmou, convincente, que, depois da morte, até que se redima no campo individual,

“para o criminoso a presença incessante das vítimas e das circunstâncias do crime é suplício cruel”.

O Criador criou todas as criaturas para que todas as criaturas se engrandeçam. Para isso, sendo amor, repletou-lhes o caminho de bênçãos e luzes, e, sendo justiça, determinou possuísse cada um vontade e razão. A vida, assim, aqui ou além, será sempre o que nós quisermos.

Emmanuel, também nos fala, no Livro Leis de Amor, que, ante a lei de evolução, “redimiremos a nós mesmos, quando compreendermos, conscientemente, ao preço do próprio raciocínio, que todos os sofrimentos decorrem das leis de amor que governam a vida. Para isso, é indispensável entendamos que todos vivemos subordinados ao princípio inelutável da reencarnação e que nós reencarnaremos, na Terra ou em outros mundos, tantas vezes quantas se fizeram necessárias, para que se nos edifique o aperfeiçoamento espiritual, seja diante dos imperativos da evolução, que nos traçam inevitáveis labores educativos, ou à frente dos

encargos expiatórios que nos apontam graves tarefas de recapitulação e corrigenda, para o expurgo da consciência culpada".

A Justiça Divina se entrelaça em nossos destinos segundo os princípios do trabalho, do esforço pessoal, do arrependimento, da culpa, do mérito, todos envolvidos nas engrenagens da vida, mas com a cobertura perfeita do Pai Celestial. Muitas vezes, portanto, nosso destino é cercado por inúmeros problemas que ficam incompreendidos, por não alinharmos todas as questões do passado que formam uma teia de compromissos, muitas vezes inacessíveis à nossa real compreensão, mas que se apresentam perfeitas, pois no juizo das questões transcendentais encontra-se o pensamento Divino.

No panorama apresentado, identificamos o mais alto lauréu do Espírito humano, conquanto seja uma conquista individual e, ainda, não seja apanágio de todos, a Fé representa a ponto de sustentação do pensamento, desde que se apresenta pelas vias da razão e da consciência plena do futuro das almas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Allan Kardec, O Céu e o Inferno

Allan Kardec, O Evangelho Segundo o Espiritismo

Allan Kardec, O Livro dos Espíritos

Allan Kardec, O que é o Espiritismo

Henri Sausse, Biografia de Allan Kardec

Chico Xavier, Justiça Divina



INSTITUTO ESPÍRITA DA CARIDADE LUZ DE LÍVIA

Departamento de Comunicação
Difusão Doutrinária

1ª edição – Março/2018

Autor Intelectual
Leonel S. Varanda

Todos os direitos de reprodução, cópia, comunicação ao público e exploração econômica desta obra estão reservados única e exclusivamente para o Instituto Espírita da Caridade Luz de Lívia. Proibida a reprodução total ou parcial da mesma, através de qualquer forma, meio ou processo eletrônico, digital, fotocópia, microfilme, internet, CD-ROM, sem a prévia e expressa autorização da editora nos termos da Lei 9.610/98 que regulamenta os direitos de autor e conexos.